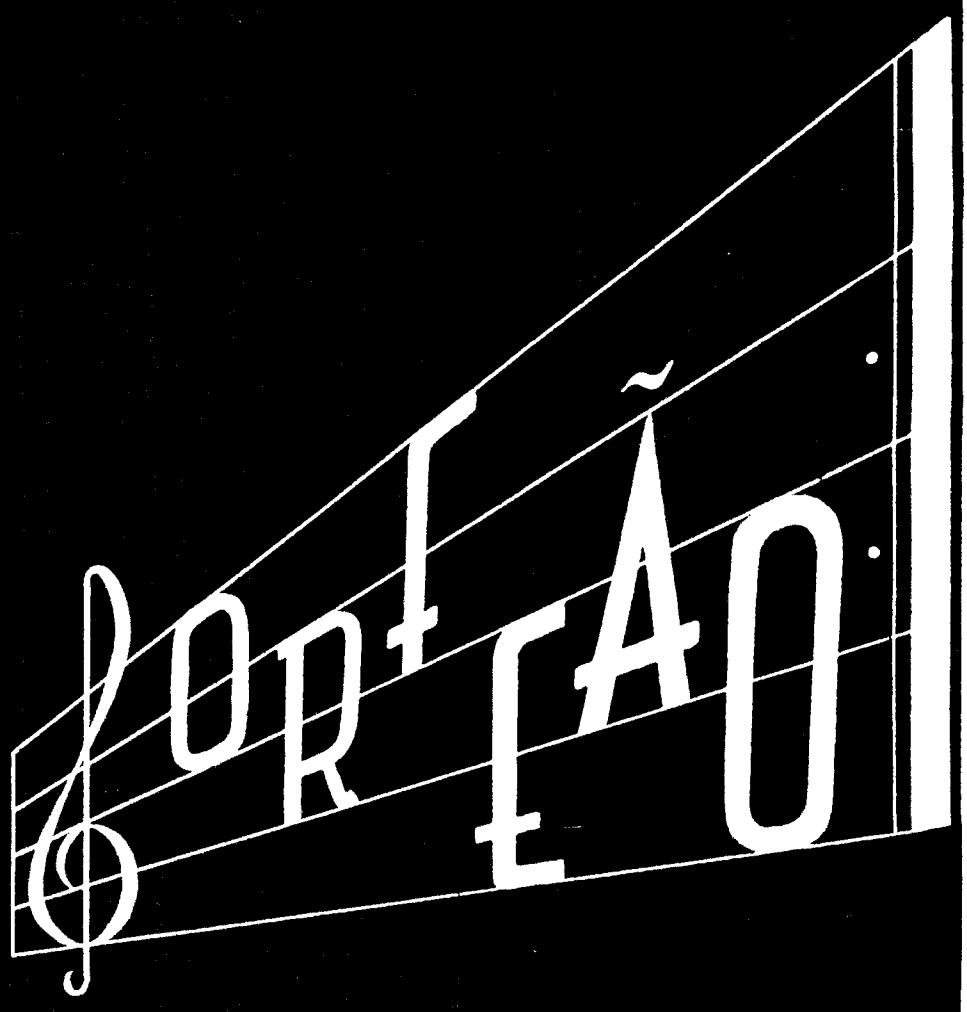
ORFEÃO
UNIVERSITÁRIO
DO PORTO



ORFEÃO

ANO I DEZEMBRO DE 1962 N.º 1

PUBLICAÇÃO MENSAL DO ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

Maria Alexandra Mercadé

DIRECTOR E EDITOR

JAIME ANTÓNIO SANTOS COUTINHO LANHOSO

REDACÇÃO

GABRIEL XAVIER LOPES DA SILVA LEITE
SEBASTIÃO DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA CARNEIRO
ALFREDO JORGE DE CASTRO GIRÃO OSÓRIO

ADMINISTRAÇÃO

RUI ESTEVÃO VASCONCELOS BESSA
RUI DE MEIRELES VIEIRA DE CASTRO
NELSON MACHADO DURÃO

ASSINATURA

1 ano (6 números) — Continente e Ilhas	10$00
1 ano (6 números) — Ultramar	15$00
Venda avulso	2$50

Sumário

Pág.

Editorial 3
Chopin e Liszt no desenvolvimento da técnica pianística 3
O Orfeão Universitário e a praxe académica 4
Há cinco anos 5
Em defesa da Mulher 6
O O. U. P. pela 2.ª vez em Angola 7
O cabotinismo no teatro 8
Página de Poesia 10
Nocturno 11
Efemérides 11
Recordando... 12
Palavras Cruzadas 14
Pausa 15
Pela Universidade 16
Caloiro! 17
O Orfeão Universitário em Espanha 18

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIP. MARCA — RUA DO BONJARDIM, 689 — PORTO

EDITORIAL

De há alguns anos a esta parte, várias tentativas têm sido feitas no sentido de conseguir que o Orfeão Universitário do Porto possua uma revista mensal digna das tradições de tão glorioso organismo. Por uma ou outra razão, tal fim ainda não foi atingido.

Vamos este ano, mais uma vez, tentar tudo quanto nos for possível para que, definitivamente, as experiências possam terminar.

Esperamos, como é natural, poder contar com a colaboração de todos, orfeonistas ou não.

Dentro desta ordem de ideias, está a Direcção da Revista «Orfeão» disposta a todos os sacrifícios para realizar obra apreciável.

Assim Deus nos ajude, estamos convencidos de que o conseguiremos.

LANHOSO

CHOPIN E LISZT

NO DESENVOLVIMENTO DA TÉCNICA PIANÍSTICA

FOI durante o século XIX que um dos grandes acontecimentos musicais veio imprimir o maior impulso à escrita pianística — o Romantismo.

O piano foi, de facto, um dos mais completos confidentes dessa viagem que a música realizou desde as primeiras sonatas de Beethoven até às experiências iniciais de Ravel e Debussy. Entre estes dois extremos um mundo de coisas se passou, uma evolução de facto intensa, ultrapassando mesmo o domínio público.

Há, no entanto, entre tantos nomes, dois a que o pianismo romântico deve o seu apogeu — Chopin e Liszt, e podemos dizer, como já disse Carlos Picoto:

«Os dois compositores, de certo modo, fizeram o gigantesco resumo de tudo quanto o século XIX podia oferecer de forças criadoras no domínio do piano, depois de Beethoven e Schuman.

Até certo ponto, eles marcam os limites extremos do novo mundo que descobriram para esse instrumento.

Na verdade nada mais diferente de Chopin do que Liszt, apesar dos estreitos pontos de contacto que se estabeleceram entre os dois compositores, especialmente através da influência do primeiro no segundo.

Chopin teve, de facto, juntamente com Paganini, uma acção decisiva no estilo do autor das «Rapsódias Húngaras», revelando-lhe novos horizontes tanto no campo mais directo, no teclado, como no domínio mais genérico da harmonia, com o seu cromatismo acentuado e flutuação tonal.

Mas Liszt irá assimilar profundamente essas influências e, com a sua forte personalidade, orientá-las num sentido diferente e pessoal. Há na sua obra dois aspectos nìtidamente opostos, tanto na qualidade como na projecção no futuro. Por um lado, as suas fantasias sobre motivos de óperas célebres no tempo, não ultrapassaram as fronteiras da época, permaneceram ligadas ao que a moda fugaz poderá ter de mais transitório. Note-se que esse virtuosismo esfusiante representava, ele mesmo, alguma coisa de inteiramente novo, conferindo novas perspectivas às capacidades de expressão do piano. O seu brilho exterior, a sua ausência natural de profundeza limitavam certamente o significado dessas experiências à sua função histórica, mas ela por isso não deixou de se fazer sentir. Naquele momento o virtuosismo era necessário para abrir caminho a novas possibilidades expressivas. É pois necessário respeitar e colocar no verdadeiro plano esse momento histórico vivido por Liszt; o autor da «Sinfonia Fausto» foi verdadeiramente um criador nesses domínios tão desprezado do virtuosismo.

Esse virtuosismo puramente exterior está, no entanto, ausente na obra de Chopin, mesmo quando ele, nos «Estudos» explora didàcticamente os recursos do piano.

Até mesmo nessas peças que não surgiram de intenções pròpriamente estéticas, Chopin é um esteta e um artista, mantendo as características fundamentais do seu estilo. O compositor nunca ultrapassa os limites desse teclado que sempre fascinou irresistìvelmente a sua imaginação. O seu estilo nasce do piano e nele vive.

Em Liszt, porém, parece haver um anseio faustico de infinito, a tendência para saltar essas fronteiras e transformar o piano numa orquestra. Por outro lado essa tendência relaciona-se com as suas intenções descritivas, ligadas por sua vez a uma forte cultura literária. O criador do poema sinfónico é, no domínio do piano, o mesmo artista que traduz as impressões fortes que dominavam o seu espírito.

Não admira assim que as obras de Liszt tenham títulos sugestivos, enquanto as de Chopin se denominavam simplesmente «Nocturno», «Mazurca», «Balada» ou «Prelúdio». Dentro do seu romantismo, Chopin é de certo modo o *músico puro* e Liszt o *músico descritivo*. As obras de Liszt nascem muitas vezes de temas literários, pictóricos ou paisagísticos — lembremos, ao acaso, todas as peças dos «Anos de Peregrinação».

As obras de Chopin nascem, como dissemos, do próprio piano e não se referem a temas objectivos ou bem determinados. Esses temas estão em geral mais na imaginação dos intérpretes do que nas intenções do compositor. O estilo de Chopin é essencialmente pianístico enquanto o de Liszt é nìtidamente orquestral; Chopin mantém-se nos seus limites e Liszt ultrapassa-os.

Por isso eles de certo modo se podem colocar em pólos opostos, e por isso eles resumem tudo o que o Romantismo podia oferecer de forças criadoras no domínio do piano».

Poderíamos continuar a transcrever outros períodos, mas o suficiente está escrito para o leitor ter uma ideia do que foram estes dois génios musicais.

E podemos finalizar transcrevendo esta síntese do próprio Chopin:

«A palavra indefinida do homem é o som».

GABRIEL

O Orfeão Universitário

E A PRAXE ACADÉMICA

QUANDO o Orfeão Universitário do Porto reiniciou a sua actividade no ano de 1943 existia na Universidade um movimento a favor da renovação da praxe académica, principalmente na Faculdade de Ciências, por onde, ao tempo, passavam obrigatòriamente os estudantes de todas as Faculdades, que as exigências dos programas obrigavam a frequentar pelo menos um ano nos chamados preparatórios, antes de se poderem orientar para os estudos a que os chamava a sua vocação.

Constituindo então o O. U. P. o único organismo universitário, cujo âmbito abrangia alunos de todas as Faculdades, encontrava-se, portanto, numa posição de primacial importância para orientar e coordenar esses impulsos de renovação de velhas tradições.

Logo de início, o Orfeão se manifestou abertamente contra determinadas praxes que pretendiam ridicularizar os caloiros e embora alheias às tradições da Universidade portuense alguns alunos da Faculdade de Ciências pretendiam introduzir entre nós.

Adoptando um ponto de partida diferente, ou seja o de considerar o caloiro como um estudante a quem falta apenas a experiência da vida académica e que portanto necessita dos conselhos amigos dos mais antigos, o O. U. P. contribuiu eficazmente para repelir a introdução no meio portuense de tradições alheias, por certo muito respeitáveis mas que nos são totalmente estranhas.

Este conceito justificou a criação do «baptismo» a que todos os caloiros do Orfeão se submetiam alegremente e que em regra se efectuava no decurso da primeira excursão em que tomava parte o orfeonista. Considerava-se — e suponho que ainda se considera — que o facto de frequentar os ensaios durante um ano lectivo, de participar nos espectáculos no Porto e de acompanhar o Orfeão numa digressão pela província ou pelo estrangeiro conferia ao nóvel orfeonista suficiente experiência para poder participar activamente nas decisões relativas ao O. U. P.

A cerimónia do «baptismo» foi-se codificando a pouco e pouco. Em regra encarregava-se de baptizar um dos orfeonistas mais antigos e mais conhecidos.

O caloiro, acompanhado pelos respectivos padrinhos, aproximava-se, ajoelhava e era então baptizado deitando-se-lhe algumas gotas de água na cabeça. O «baptizador» dirigia então algumas palavras em latim macarrónico que lhe ditava a sua fantasia, pois não havia uma fórmula fixa. No final um dos caloiros recém-baptizados devia fazer um discurso de agradecimento.

Nesses tempos, já um pouco distantes, era costume no final registar a data e local de baptismo nas costas do cartão de orfeonista, assinando o «registo» o veterano que presidia à cerimónia. Note-se a este propósito que de início o Orfeão usava os cartões de identidade que encontrava já impressos e que ostentavam a legenda «Orfeão Académico da Universidade do Porto» e a um canto as antigas armas da cidade do Porto rodeadas pelas fitas das cores das quatro Faculdades então existentes. Só mais tarde, uma das direcções de que fui secretário mandou imprimir cartão de identidade para os Orfeonistas com a legenda «Orfeão Universitário do Porto» e as armas da Universidade.

Nunca, porém, na tradição orfeónica o baptismo representou uma cerimónia restrictiva e o caloiro gozou sempre de todos os direitos inerentes à sua qualidade de orfeonista e recordo-me de alguns rapazes do meu tempo que, pelos seus méritos, foram encarregados pelas respectivas direcções de várias tarefas importantes antes de serem «baptizados».

Entre os aspectos da vida do O. U. P. a praxe académica constitui uma faceta curiosa, pelo carácter original de camaradagem e boa vontade que os orfeonistas lhe souberam imprimir, fazendo do baptismo não uma «libertação», mas uma «consagração» e reconhecimento de que o caloiro se mostrava digno orfeonista e bom camarada.

Talvez valesse a pena codificar um dia as praxes do Orfeão Universitário, de modo que mantivesse o carácter original e a integridade de expressão das manifestações mais típicas e curiosas da actividade orfeónica.

CIDRAIS RODRIGUES
(Antigo orfeonista)

É chegado o momento solene

HÁ CINCO ANOS

HÁ perto de 5 anos, conheci-a, mas nunca a conheci. Era uma pessoa calada, eternamente em silêncio. Arregalava os olhos em desmedida, censurando interiormente a gente de grandes falas. Conheci-a de uma maneira estranha. Ela atravessava o jardim de leste, pedalando a bicicleta com frenesim. Eu passeava o meu cãozito. Eram 8 horas da noite, havia um ar quente, profetizando trovoada. O meu cão atravessou-se-lhe no caminho. Ela tentou travar, mas caiu com a bicicleta sobre o animal. Um pedal rebentou-lhe o crânio. Ela levantou-se, limpou os joelhos esfolados, sujos de terra, olhou com nojo os salpicos de sangue em seus sapatos, afastou o cão morto, com o pé, indireitou a bicicleta e seguiu.

Refervi num minuto, mal a bicicleta andou. Gritei, praguejei imprecações. Ela seguiu sempre. Sofri com a morte do cão!

— No fim da semana seguinte, que passei na serra, pensei no incidente. Analisei a atitude da moça. Insolente? Cruel? — Estranha, muito estranha! — Coisas e loisas me perpassavam pela mente.

. . . . . .

— Era à tarde, cabras pastavam e faziam rolar pedras. O Sol ia esquentando e eu a dar tratos à mente, em busca de explicação. Estranho, muito estranho!

— Este pensamento seguiu-se muitos dias, mas a alma jovem é inconstante e eu esqueci-o.

Quatro meses depois, visitei a eira de uma herdade minha. Malhavam. O calor fazia tremer o ar. A poeira de milho e a ausência de aragem tornavam a atmosfera irrespirável. Eu brincava com uma maçaroca vermelha, entretido e distante... mas ah! dei com a figura da moça correndo para nós.

Não vais desta — pensei — e fui para ela. Cara a cara, pois é assim que falam pessoas de bem. Entabulei uma conversa, isto é, tentei entabular. Ela deteve-se mas ia já a seguir. Finquei-lhe um pulso. Ela olhou-o e olhou-me. Que é? — diziam seus olhos. Larguei-a e falei. Todas as coisas sem interesse me ocorreram, mas não eram de molde a dar fala de «dura». Mal ou bem, falei sem cessar, até que a tarde se foi, a noite chegou e ela se afastou.

Dias depois procurou-me, depois e depois ainda e fez-se um hábito! Eu falava e ela escutava e nunca estranhamos.

— Quando a seu tempo findaram as malhadas, ela esteve três semanas sem aparecer. Quis procurá-la... de onde era? Quis encontrá-la... quem era?

Afligi-me, cogitei, dei-me conta de que não lhe conhecia a voz.

— Ao fim das três semanas, ela aí estava de novo. Chovia muito nesse dia — nunca vi chover tanto — mas mesmo assim, eu saí de casa num desaforo e corri para ela. Levava uma esteira de palavras e recriminações. Ela tinha a cara molhada, não sei se de chuva, se de lágrimas.

Minha zanga se extinguiu. Perguntei: sucedeu alguma coisa? Meneou que não.

— Demos um passeio à chuva, nunca o esquecerei. — Um miúdo da minha casa saiu a procurar-me, com um saco grosso sobre os ombros magros, os cabelos pingando, a pedir que regressassemos.

Ela afastou-o e quando ele insistiu, vergastou-lhe a carita com um sarmento resinoso e verde. Correu sangue da vista do garoto. Tomei-o nos braços, corri com ele para casa, os meus pés na lama, nas poças de chuva, o miúdo aos soluços a cabeça em meu ombro, o sangue a pegar-se-me à roupa, a passar-me a carne.

— Ela seguiu só. Dias depois voltou e não fui ter com ela. Fiquei sentado no chão onde estava, mascando ervinhas. Ela aproximou-se e sentou-se a meu lado começando a mascar também as ervinhas e... de vez em quando sorria, sorria contente...

És muda? — perguntei. És má? És selvagem? Meneou que não, não, não.

Enfureci-me, bati-lhe com gana no rosto impenetrável. Ela riu longamente. Fartei-me e o riso findou. Levantou-se com calma — seria calma? — correu monte abaixo. A tristeza subiu-me do coração à voz.

Hesitei muito, ela descendo sempre, saltitante, contente. Previ algo de muito bom ou muito mau; mas quanto me augustiava essa dupla!

Gritei: Volta!

Ela deteve-se, olhou-me, sorriu-me, disse *não!*

Ouvi-lhe a primeira palavra, a *única!* Depois seguiu numa corrida de vertigem, perdeu-se na tarde, perdeu-se.

P. S. — Conhecia-a há 5 anos, mas nunca a conheci!

J. O. Sampaio Faria

Alves
OCULISTA
Depositário das Lentes PUNKTAL ZEISS
ÓPTICA • MATERIAL DE LABORATÓRIO
RUA DO CARMO, 9 — TELEF. 25971 — PORTO

Ritmo
DISCOS
GRAVADORES
TELEVISÃO
RÁDIO
GRUNDIG
GIRA-DISCOS
«PERPETUM-EBNER»

Em defesa da Mulher

DESDE as eras mais recuadas, em que os antigos lhe negavam o direito a possuirem uma alma... até aos tempos que vão correndo, nos quais, só muito a custo, se reconhecem à mulher direitos iguais aos do homem, nos vários aspectos da vida social, aquela teve de travar uma longa e amarga luta.

Esposa, mãe, recebeu, com o primeiro vagido de criança e o bruxulear da primeira chama, o encargo de proteger o fogo vivificador, de amparar com as suas frágeis mãos os pequeninos seres confiados à sua vigilância e, na gruta ou caverna que, primitivamente, lhe serviu de lar, esperou e acolheu o rude companheiro que, para sustento e defesa dos seus, travava, com as feras, lutas gigantescas.

Mas as exigências da vida moderna atiraram com ela para fora do seu ambiente natural — a casa — forçando-a a transpor as portas das oficinas, dos escritórios, dos hospitais, laboratórios... e a ombrear com o homem em tantas profissões que, outrora, eram exclusivas do sexo forte.

Essa evasão dos limites familiares, essa igualdade social e económica fez-se à custa de pesados sacrifícios — é a educação dos filhos, confiada a mãos alheias, é o voltar costas ao encanto de tantos afazeres caseiros e femininos, realizados na paz do seu lar, é a sobrecarga de trabalho quando, já cansada por um dia inteiro de actividade, volta para casa onde a esperam as tarefas e a resolução de todos os problemas domésticos. Entretanto, o marido vai, despreocupadamente, absorver-se na leitura do seu jornal... É ainda a esposa açodada e tensa que o homem vê, ao regressar, em vez da companheira atenta, terna e de presença calma que necessitaria encontrar...

Em matéria de instrução, ainda há anos, nas aldeias, tal desejo era privativo dos rapazes — a menina era retida em casa por afazeres domésticos, sendo, para ela, *ocioso* aprender a ler. Pois, desde os bancos da escola, a rapariga atreveu-se... a aspirar à ciência, à cultura, à arte, ao pensamento, e invadiu a Universidade, numa percentagem cada vez mais numerosa, em perfeita igualdade com os seus colegas de curso.

Mas, vociferam os misóginos inveterados, que fizeram *elas*, de bom, até agora? Que lugar de destaque conquistaram na política, nas artes, e nas letras? Perante a extensa galeria de nomes de chefes políticos de fama mundial, de pensadores e artistas de génio, os vultos femininos encontram-se numa minoria deplorável...

André Maurois, da Academia Francesa, desembainha a sua espada em defesa da mulher. Diz ele que só recentemente é que lhe foram abertas todas as portas e que há muito a esperar, acrescentando: «Admiram-se de que poucas mulheres, no passado, tenham criado obras-primas? Pois eu admiro-me de que, nas situações que lhe eram impostas, algumas mulheres se tornassem criadoras».

E são sérios os obstáculos a vencer para que possa triunfar. Têm-na impedido preconceitos de toda a ordem e incompreensões. Ainda há tempos, ouvíamos os desabafos de uma conhecida artista plástica, portuense, que se queixava da incompreensão do mundo feminino em que se debatia e na dificuldade de se aproximar dos artistas, homens, seus colegas, que podem discutir livremente à mesa de um café, contactar, num *atelier*, enquanto a artista-mulher está, mais ou menos, votada ao isolamento.

E, antes do mais, a artista, a intelectual, tem de se realizar, primeiramente, como mulher. Não lho perdoaria a sua própria consciência; a sociedade, o marido, o seu filho assim o exigem. Reclamam-na por inteiro. E não se dar totalmente, em cada um desses aspectos, seria falhar, na sua missão feminina. À arte, à sua carreira, à profissão — a que o homem pode consagrar-se por completo — a mulher apenas pode dedicar-se parcialmente, «em pedaços repartida».

Resta acrescentar a certeza de que, na vida de muito político, pensador, artista, perpassou uma figura de mulher que foi, não só a musa inspiradora, mas conselheira discreta e prudente, trabalhando na sombra, afogada na monotonia das pequenas misérias da existência material e prática, para que o espírito masculino, orgulhosamente, pudesse elevar-se, da prosa da vida quotidiana, às alturas da arte, da poesia, do pensamento...

Deixemos a palavra ao poeta, na poesia abaixo transcrita:

Ó santas que embalais o berço das crianças,
E assim lho revestis de flóreas esperanças!
Que andais sempre a cuidar das almas por abrir,
E a verter-lhes, no seio, o germem do porvir!
Sois vós que, pela mão da glória à vida inquieta,
Levais um vosso filho, um pálido profeta,
Que é Newton ou Petrarca, Ângelo ou Rafael,
Com o pincel e a pena, o compasso ou o cinzel,
Fazendo enobrecer quem lhe seguir o exemplo
Sois vós que o conduzis aos pórticos do templo
Onde o porvir coroa os génios imortais,
E, mal chegadas lá, de todo o abandonais,
Sem aguardar, sequer, nas sombras duma arcada
A grande aclamação que lhe festeja a entrada!
E — modestas que sois! — voltais a vosso lar
E só vos contentais em vê-lo atravessar
— C'roada de laureis a fronte cismadora —
Um arco triunfal que o cerca d'uma aurora...
. . . . . .
Quem sabe o nome vosso, ó mães de Tasso e Dante?

M. M.

O O.U.P. pela 2.ª vez em Angola

5 de Setembro de 1962. A população da hospitaleira e progressiva cidade de Moçâmedes despede-se do Orfeão Universitário do Porto que parte para Sá da Bandeira depois de permanecer cinco dias na cidade, onde efectuou dois saraus, um dos quais dedicado às Forças Armadas e uma Serenata Monumental.

Mais do que pode sugerir a imagem, as atenções recebidas e as palavras ouvidas justificam o muito obrigado dos orfeonistas à Cidade de Moçâmedes. Saudades para Moçâmedes!

CAFÉ UNIVERSIDADE

SERVIÇO DE CAFÉ: — Pequenos Almoços, Lanches Batidos Nutritivos, dentro dos modernos moldes de «Alimentação Racional».

SERVIÇO DE B.A.R.: — Em cave própria («Casa das Máquinas»), recentemente remodelada.

Serviço de almoços e jantares, especializada em:
FRANGOS E COELHOS ASSADOS
GARRAFEIRA PRÓPRIA

Pr. Parada Leitão, 37 — PORTO — Telef. 25474

ESTAÇÃO DE SERVIÇO
DE
AUTO PORTO, L.DA
SECÇÃO ELÉCTRICA · SECÇÃO DIESEL

RUA FIRMEZA, 485
RUA DO BONJARDIM, 146
RUA SAMPAIO BRUNO, 16

Telefones **29119** P. P. C. **25852** e **32411** — **PORTO**

O Cabotinismo no Teatro

por RUI SEQUEIRA

Ao relembrar, embora superficialmente, o que foi o ano teatral passado, uma causa importante se nos apresenta como responsável por tantas coisas más que nos foram oferecidas. Não querendo entrar aqui em análises mais profundas dos problemas do nosso Teatro, que forçosamente nos levariam a considerações de outro carácter, e pondo, assim, de parte os problemas ligados à deficiente educação teatral, à censura das obras dramáticas, ao insuficiente auxílio às companhias profissionais, etc., falaremos apenas do cabotinismo, como um dos males grandes do nosso Teatro.

«O organismo é o desenvolvimento de um duplo sistema de condicionamentos recíprocos: 1.º — entre as partes e o todo; 2.º — entre o todo e o meio que o rodeia». Da mesma forma, o Teatro, como Arte que vive do esforço conjugado de toda a companhia, e da reacção do público a esse esforço, só será plenamente válido, e terá realizado a missão que se propôs, quando todas as suas partes integrantes desempenharem *exactamente* o seu papel.

Comecemos pelo público.

Para além dos outros aspectos ligados à concepção e realização da Obra em si, é a colaboração directa do público, esse «amistoso conflito» indispensável ao bom resultado do espectáculo, um dos aspectos que diferenciam o Teatro do Cinema e da Televisão. «...uma Obra dramática compara-se a uma peça de faiança que se pintou com cores falsas e cujas cores verdadeiras e o desenho acabado aparecem apenas depois da cozedura: esta prova do fogo é o acabamento pela realidade, que é o contacto com uma audiência» — (Jean Giraudoux). Se o público não reage, emocionando-se paralelamente ao espírito da obra, a sua colaboração não é possível. Ora, a grande maioria do nosso público divide-se em duas categorias: os insuficientemente preparados, que aplaudem sem conhecimentos, fomentando o mau teatro; e os «super-eruditos», talvez tão ignorantes como os primeiros, que só aplaudem o que lhes parece enfileirar com as suas ideias.

Que o público não esteja preparado, vá lá. Talvez tudo fosse diferente se, quem responsável, agisse de outra forma.

Uma forma de cabotinismo muito frequente, é o do autor teatral. Muitas vezes por falta de análise, outras tantas por deficiente experiência de teatro, os autores caiem frequentemente nas tiradas líricas, nas «frases de efeito», nas declamações metafísicas totalmente estranhas à linha de acção dramática, a que realmente interessa na obra. Desta forma, ao pretenderem dirigir-se directamente ao público, evocando nele associações de ideias estranhas à peça que se está a representar, mais não conseguem do que criar uma quarta parede da cena, isolando a acção que decorre no palco das reflexões íntimas do espectador. Assim compreendemos como o Teatro não pode servir como «palavra de ordem», já que o simples facto de se dirigir directamente ao público vai criar nele um efeito estupefaciente, distraindo-o da acção dramática que importa, acima de tudo, transmitir integralmente. Esta acção, simultâneamente próxima e longínqua, deve ser buscada com o maior cuidado, e é nos problemas sociais e políticos, pelo seu interesse e, ao mesmo tempo, generalidade, que ela se consegue com maiores possibilidades de êxito. Infelizmente, isso nem sempre é possível...

Por insuficiência de preparação técnica, os actores são por vezes levados a procurar «viver» os seus papéis, arrancando de si próprios a emoção que de outra forma não conseguem transmitir. Esse erro, «ou será possível representar sempre bem, sentindo sempre as mesmas emoções?», só pode conduzir ao artesanato e ao cabotinismo. Estudo atento da personagem, definição exacta dos «actos físicos» a executar de acordo com a sua maneira de agir, a repetição atenta, até à perfeição, das expressões, gestos e entoações a empregar, isso é o que realmente importa, mas por vezes se esquece. Esse apa-

rente «paradoxo do comediante», foi já definido por Stanislavski, ao dizer: «Que o actor me diga como vai actuar..., e não sentir, que Deus o preserve de pensar nisso». Ou ainda, mais literàriamente, por Diderot: «As lágrimas do comediante emanam do cérebro; as do homem sensível, do coração: é a sensibilidade que perturba desmedidamente a cabeça do homem impressionável; é a cabeça do comediante que provoca, por vezes, uma perturbação passageira das suas entranhas». O cabotinismo do actor pode, por exemplo no Music-hall, conduzir a bons resultados. Mas, no Teatro, o papel de «aguadeiros» — que me perdoem o termo de ciclismo — não é compatível com a unidade dum espectáculo sério, e com uma perfeita transmissão da mensagem que o Teatro encerra. A exibição de outros dotes, das qualidades excepcionais da vedeta, mais não consegue que distrair a atenção do público para algo de muito diferente do sentido da Obra.

Propositadamente, guardamos para o fim o cabotinismo do encenador, sem dúvida o mais prejudicial de todos eles.

Em nosso entender, a missão do encenador consiste em, depois de atentamente estudada, em conjunto com os seus colaboradores, a obra dramática a representar, e de claramente definida qual a mensagem a transmitir por seu intermédio, encontrar a maneira mais simples, mais directa, de a levar junto do público. Todos os processos que normalmente se usam, cenários, som, luz, etc., tudo deve ser subordinado a essa preocupação dominante de emocionar o público num sentido paralelo ao do poeta. No entanto, a regra é o encenador aproveitar o texto para uma exibição do seu virtuosismo, concebendo marcações audaciosíssimas, encontrando jogos de cores e efeitos sonoros o mais espectaculares possível, tudo conjugado na concretização dum espectáculo de «movimento, luz e cor», no qual a acção da peça se dilui totalmente.

«O texto, declamado e desempenhado pelos comediantes, deve bastar para criar o contacto «entre a cena e o espectáculo» — (Roger Vailland). Quando o encenador tal não consegue — e geralmente nem o tenta — recorre aos mais díspares processos, desde os que recordam os privilégios do Teatro medieval, às mais avançadas fantasias. «Primitivismo ou modernismo, dois aspectos do mesmo vício» — (Roger Vailland). Esta forma de cabotinismo é, em nosso entender, a mais molesta para o Teatro, já que, de todas elas, é a que mais contribui para o afastamento do público do significado da obra que se pretende transmitir. Como exemplo desta forma de corrupção, recordaremos apenas que, em 1952, o Teatro do Ginásio, de Paris, representou uma Ana Karenina, «de Raymond Rouleau, segundo Leão Tolstoi»...

Uma melhor formação teatral de todo o público, uma crítica consciente e imparcial, talvez consigam o atenuamento — não dizemos já desaparecimento — destes vícios do nosso Teatro. Assim o esperam todos os amantes desta Arte.

P. S. — Ao reler o que escrevemos, pareceu-nos ter abusado das citações. Não sendo nossa intenção arvorar em erudito, mas usando-as como recurso onde as nossas próprias palavras nos paraceram insuficientes, esperamos não ter caído numa outra forma de vício do Teatro: o cabotinismo do ensaista...

O Teatro Universitário organiza durante os meses de Janeiro, Fevereiro e Março o 2.º Curso de Teatro, sob a orientação de Mestre António Pedro e subsidiada pela Benemérita Fundação Calouste Gulbenkian.

DUAS CASAS
que tudo o que fabricam e vendem é bom

PRIMAR CONFEITARIA SALÃO DE CHÁ

RUA DO CARMO

FILIAL: — Rua Mártires da Liberdade, 139-145
Tel. P. P. C. 25858-28458 - PORTO

CASA MADUREIRA

ARTIGOS PARA ESTOFOS
— E DECORAÇÃO —

RUA DAS CARMELITAS, 20 • PORTO

... Uma casa que dá que falar!

A bruma donde partiste

Por sobre ti
Um céu azul de divina herança,
A teus pés
A terra amarga fugindo...
. . . . . .
E além, muito além, a luz distante
Para onde batem as asas
Que te vestiram de criança.
Da bruma espessa
Partiste
A abraçar o mar
E não caiste.
E... já longe
Nesse abraço de eternidade,
Tu mesma
Sentiste
Que era feita de saudade
A bruma
Donde partiste.

ADÃO CRUZ

Ao suar das horas mortas

Ao contemplar minha alma entardecida
Que fora bela em tempos de lembrança,
Quando cheia de sonhos e de esp'rança
Singrava na ilusão doce da vida.

E dos ódios do mundo adormecida
Erguia ao céu seu hino de criança,
Senhor, que tão sòmente nesse herança
Acheis valor que a deixe inesquecida.

E se é de vosso amor olhar outrora,
Pesai, Senhor, esse ouro da inocência,
Vede o que havia e não existe agora.

Se me não resgatar pela existência,
Quando a cova me não quiser cá fora
Cubra-me o vosso manto de clemência.

ADÃO CRUZ

Passado e Presente

Dedicado aos
Orfeonistas de outros tempos

Velhinho: eis-nos aqui! Nós somos hoje em dia
O retrato fiel do que tu foste outrora.
Cantamos para ti toda esta melodia;
E tu hás-de sentir imensa nostalgia
Recordando o passado e ouvindo-nos agora.

Decerto evocarás com pena, com saudade,
A vida descuidosa, a vida fascinante
Da tua já passada e alegre mocidade:
Teus colegas, teus pais, a tua Faculdade
E a capa esfarrapada e negra de estudante.

Recordarás também as noites que cantaste
Num palco quase igual a este onde cantamos...
Lembrarás o Orfeão que há muito já deixaste
E este velho estrado, o qual tu já pisaste
Tal como desta vez ainda nós pisamos.

Enquanto vês em nós o teu belo passado,
Nós sentimos também que um dia, desse lado,
Ouviremos cantar, co'a mesma comoção.

Velhinho: esse é o Destino atroz, inexorável!
Somos todos mortais! Eterno, inabalável,
Só fica o nosso Orfeão — perdoa! — o teu Orfeão!

(Do livro «Âmago» do orfeonista Flávio Serzedello)

Nocturno

Sem saber bem como, dei comigo, de repente, na rua, encolhido debaixo daquele vento desagradável e frio. Vi-me assim, sòzinho, na evidência do halo luminoso que um candeeiro espalhava à volta. Olhei espantado a minha sombra, como se, inesperadamente, tivesse visto algo de estranho e desconhecido. Alongada e disforme, ela mexia-se ao compasso de um ritmo estranho e irregular. Escutei atento o som inaudível de música nenhuma, e aos meus ouvidos chegou só o silêncio carregado de frio...

Mas, de repente, um som estranho e enorme rasgou a noite a meio. E na realidade violenta que por um momento me cegou, eu vi que fora um soluço que se libertara da prisão do meu peito e desaparecera para além do silêncio. Mas não era um soluço de dor nem de pranto esse soluçar estranho que me deixou um sentimento de culpa por ter acordado a noite.

De resto, aquela garrafa vazia, que eu só agora via na minha mão, podia ter explicado tudo logo desde o princípio, se eu tivesse reparado nela...

BARROS LEITE

Orfeonista usa o emblema do Orfeão Universitário do Porto

Efemérides

23 DE SETEMBRO DE 1962

O Orfeão Universitário do Porto regressa ao Porto depois de ter feito uma digressão artística pela Província de Angola.

17 DE OUTUBRO DE 1960

Ao Orfeão Universitário do Porto é conferido o grau de Comendador da Ordem de Benemerência.

5 DE DEZEMBRO DE 1922

No Teatro S. João, a Tuna e o Orfeão Académico do Porto numa Récita de Gala em honra de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

13 DE DEZEMBRO DE 1948

É fundado o Teatro Universitário do Porto.

20 DE DEZEMBRO DE 1962

É inaugurada solenemente a sede da Associação dos Antigos Alunos da Universidade do Porto.

30 E 31 DE DEZEMBRO DE 1949

O Orfeão Universitário do Porto apresenta-se no Teatro Municipal Baltazar Dias na Ilha da Madeira.

AGÊNCIA EDITORIAL

AUG. VALENTE, SUCR.ª

REPRESENTANTE DAS CASAS EDITORAS DE PARIS:

LIVRARIA MALOINE, LIVRARIA LAROUSSE E ARISTIDES QUILLET

R. DA FÁBRICA, 38-3.º - SALA 37

TELEF. 20785 • PORTO

Há já muitos anos que tomamos café

NO

ANCORA DE OURO

Recordando...

O tango «Amores de Estudante», de que reproduzimos ao lado a letra e música, é da autoria dos antigos orfeonistas e tunos drs. Paulo Pombo e Aureliano da Fonseca. Foi executado pela primeira vez pela Tuna Universitária do Porto e depois pela Orquestra de Tangos do Orfeão Universitário. Tendo alcançado assinalado êxito nos meios académicos da época, acabou por cair no esquecimento do grande público, embora continuasse na memória de muitos antigos estudantes.

No passado ano, e a propósito das Comemorações do 50.º Aniversário do Orfeão Académico do Porto e 25.º do Orfeão Universitário, foi novamente recordado. Executado, durante o sarau realizado no dia 22 de Março no Coliseu do Porto, por uma tuna constituída por elementos da antiga Tuna Académica e por actuais componentes da Tuna do Orfeão Universitário, constituiu um dos mais altos momentos de saudosa evocação e de comunhão de sentimentos entre antigos e actuais orfeonistas e tunos.

De tal modo calou fundo o seu significado no coração dos actuais orfeonistas, que a Tuna do O. U. P. decidiu incluí-lo no seu reportório, durante as digressões que efectuou pela Galiza e pela Província de Angola.

O acolhimento que o público concedeu foi de modo a ultrapassar as melhores previsões. Na maioria dos espectáculos foi a audição bisada e principalmente em Angola o êxito foi de tal ordem que os orfeonistas se viram assediados por pessoas interessadas em conhecerem a letra já que a música tinha ficado gravada no ouvido e no coração, e as Emissoras de Rádio das diferentes cidades, por onde passou o Orfeão, eram solicitadas a incluir com frequência nos seus programas o tango «Amores de Estudante», gravação do sarau do O. U. P.

Aos autores desta inesquecível composição dirigimos os aplausos que escutamos com emoção e, com eles, o nosso muito obrigado por este legado que procuraremos transmitir aos vindouros.

A Tuna do Orfeão Universitário executando o tango «Amores de Estudante», no palco do Cine-Imperium na cidade angolana do Lobito, durante a recente digressão que o O. U. P. realizou pela Província de Angola

Amores de Estudante

TANGO

Letra de
DR. PAULO POMBO

Música de
DR. AURELIANO FONSECA

I

São como as rosas dum dia
os amores de estudante
que o vento logo levou.
Pétalas emurchecidas
deixam no ar o perfume
dum Sonho que se sonhou.

Capas negras de estudantes
são como asas de andorinhas
enquanto dura o verão:
— Palpitam, sonham uns instantes,
aninhadas nos beirais
do Palácio da Ilusão!

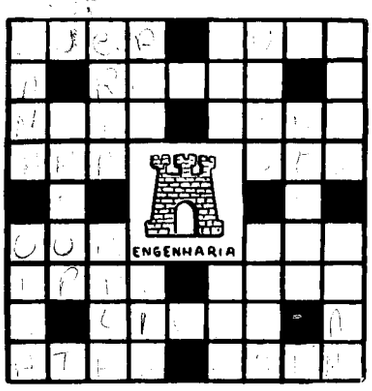
Quero
ficar sempre estudante,
p'ra eternizar
a ilusão dum instante.
E sendo assim,
o meu sonho de amor
será sempre rezado
baixinho dentro de mim.

II

Os amores de estudante
são franjas de ondas do mar
que os ventos logo varreram.
Enchem a vida uns instantes,
logo descem, depois morrem,
mal se sabe se nasceram!

Mocidade, oh mocidade,
louca, ingénua, generosa
e faminta de Ilusão,
que nunca sabe os motivos
de quanto queira o capricho
ou lhe diga o coração!...

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 — Fábrica Angolana de Cerveja; essência. 2 — Pedes. 3 — Adv. de quantidade; Triste. 4 — Pedra de altar; estar. 6 — Orfeão Universitário do Porto; Base aérea port. 7—Enraivecer; transpirar. 8— Tratas. 9 — Ligar; Filho de Adão.

VERTICAIS: 1 — Leito; escute. 2 — Nome de homem. 3 — Acreditava; Parte do boné. 4 — Contr. da prep. e artigo; escarnecer. 6 — Chiste; cabelos brancos (inv.). 7 — Vistas; atreve-se. 8 — Letra grega. 9 — Rezar; lavram.

AVISO

A revista referente a Janeiro será especialmente dedicada à Digressão do Orfeão Universitário por terras de Angola.

Pedimos aos colegas que se deslocaram com o Orfeão e querem colaborar no número 2 da Revista «ORFEÃO», sob o tema indicado, o favor de entregarem os textos ou fotografias até ao próximo dia 19 do corrente mês.

Antigo Orfeonista inscreve-te como sócio contribuinte-auxiliar do Orfeão Universitário do Porto.

PORTO EDITORA, LDA.

LIVRARIA • PAPELARIA

PRAÇA D. FILIPA DE LENCASTRE, 42 ——— PORTO

Quando necessitar de um bom dicionário tenha sempre presente os **Dicionários «EDITORA»**

Dicionário de Português — 4.ª edição — por J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, com a colaboração de diversos professores especializados.

Dicionário de Francês-Português — por Olívio de Carvalho — 2.ª edição.

Dicionário de Português-Francês — por Olívio de Carvalho.

Dicionário de Espanhol-Português — 2.ª edição — por J. M. Almoyna.

Dicionário de Português-Espanhol — por J. M. Almoyna.

Dicionário de Verbos Franceses — pelos Drs. Virgínia Mota, Irandino F. Aguilar e Ernani Rosas.

DEPOSITÁRIA EM LISBOA: Empresa Literária Fluminense, Lda.

RUA DA CONCEIÇÃO, 125-1.º Esq.

Pausa

Uma vez que acabaram as amaldiçoadas e diarreicas «frequências» agora substituídas pelas «chamadas», que nos levarão em saudosa romagem aos tempos do liceu, nós vamos procurar preencher o vosso «desocupado» tempo e ocupar o vosso «distraído» espírito com um problema que esperamos não o chegue a ser:

Consideremos 5 casas e em cada casa 1 homem de nacionalidade diferente, 1 animal diferente, 1 bebida ainda diferente, 1 marca de cigarros para cada homem e cada casa com a sua cor.

DADOS:

1 — São 5 casas diferentes.
2 — O Inglês vive na casa vermelha.
3 — O Espanhol é dono dum cão.
4 — O Norueguês vive na 1.ª casa.
5 — O Japonês fuma SG.
6 — Na casa do meio bebe-se leite.
7 — A casa verde fica imediatamente à direita da cinzenta.
8 — O dono das serpentes fuma CT.
9 — Na casa verde bebe-se café.
10 — Na casa amarela fuma-se Sagres.
11 — O cavalo vive na casa azul.
12 — A casa azul fica junto da casa do norueguês.
13 — A raposa vive na casa ao lado daquela em que se fuma Português Suave.
14 — O fumador de Três Vintes bebe sumo de laranja.
15 — O Ucraniano bebe chá.

PERGUNTA-SE:

Quem bebe água e quem é o dono da zebra?

★

Este problema pode resolver-se de vários modos. Agradecemos o envio de soluções a fim de publicarmos a mais científica.

Meditando...

O homem estúpido ri às gargalhadas.
O homem inteligente sorri.
O homem muito inteligente fuma... e espera.

★

Experiência — Erros que se cometeram e de que nos lembramos.

★

Médico — Pessoa que não conhece remédio infalível para a constipação.

★

Especialista — Homem que só não ignora uma coisa.

A medicina através da anedota

— Um ricaço chamou Lord Lister (célebre cirurgião inglês) a meio da noite. O Prof. examinou-o e disse-lhe muito sério:

— «O senhor já fez o seu testamento? O paciente empalideceu. Julga que é necessário milord...? — Chame o notário e duas testemunhas disse Lister imperturbável.

— É assim tão urgente? — balbuciou o doente.

— Certamente — respondeu Lister — não quero ser o único asno a ser acordado esta noite inùtilmente.

★

— Um médico alemão, o dr. Markus Herz, disse um dia a um doente que lia contìnuamente obras de medicina e que se tratava segundo o que lá encontrava:

— «Vai ver, qualquer dia morre de um erro tipográfico».

★

— Olha a única mulher que eu amei em toda a minha vida, disse um médico.

— Porque não casaste com ela? — Não podia ser nada... era a minha melhor cliente.

★

— Porque escolheste a Dermatologia para te especializares, pá?

— Por três razões; os doentes não me chamam de noite; além disso não morrem da doença, mas também não curam.

★

O velho médico partiu para férias e confiou a sua cliente ao filho recém-formado. Quando regressou o jovem anunciou-lhe, orgulhosamente, que tinha curado a Baronesa X, uma velha cliente muito rica, da sua indigestão crónica.

— Parabéns, meu filho, disse o velho facultativo, não fizeste mais que a tua obrigação... foi essa indigestão crónica que te permitiu acabar os estudos.

PELA UNIVERSIDADE

— Tivemos este ano o grato prazer de assistir à Abertura Solene das Aulas na prometida e desejada Faculdade de Letras.

A enorme lacuna que se fazia sentir no meio intelectual deste burgo portuense está finalmente a caminho de ser completamente preenchida. É pois com justificado júbilo que «ORFEÃO» sauda os «letrados» colegas da Faculdade de Letras. Benvindos ao Porto e à sua cinquentenária universidade.

Estamos certos de que a doença crónica que vem atacando a Imprensa Universitária no Porto — a falta de colaboração dos universitários na sua imprensa — será, senão debelada, pelo menos minorada, pela activa participação dos colegas da nova Faculdade. A Revista «ORFEÃO» está à vossa disposição.

★

— Mais uma vez foi a cidade do Porto e a sua Universidade honradas com a presença do insigne Chefe de Estado, Almirante Américo Tomás, na Abertura Solene das Aulas do ano lectivo de 1962-63.

Crentes de que esta presença foi a tradução fiel da atenção e cuidados que ao Governo merece a nossa Universidade, esperamos ansiosamente pela resolução dos nossos problemas, confiados de que não seremos esquecidos.

★

O Teatro Universitário do Porto festejou no passado dia 13 de Dezembro o seu 14.º Aniversário. «ORFEÃO» associando-se ao júbilo dos colegas do teatro, dirige ao T. U. P. as suas mais sinceras felicitações e os votos de que continuem a registar os êxitos a que já nos habituaram.

★

— Com a presença de representações dos organismos circum-universitários da nossa Universidade, foi inaugurada, em família, a sede da Associação dos Antigos Alunos da Universidade do Porto no passado dia 20 de Dezembro.

Durante a curta cerimónia que foi prestada singela mas justa homenagem ao Reitor Honorário da Universidade do Porto Prof. Doutor Amândio Tavares, descerrando-se um retrato do ilustre professor que, à nossa Universidade, sempre tem dado o melhor do seu espírito esclarecido e sempre jovem.

À Associação dos A. A. da U. P. as nossas melhores felicitações por mais esta realização.

Vida Orfeónica

Por decisão da sua Assembleia Geral foram eleitos sócios honorários do Orfeão Universitário do Porto, o antigo Regente do Orfeão Académico do Porto, Padre Dr. Clemente Ramos, o ministro cessante da pasta do Ultramar, Prof. Dr. Adriano Moreira e o Director da Faculdade de Economia do Porto, Prof. Dr. Fernando Alberto Seabra.

Distinguiu ainda a mesma A. G. o antigo orfeonista e ilustre jornalista, sr. Zeferino de Moura, com o título de sócio de mérito do O. U. P.

Aos novos sócios que agora nos honram com a sua presença na família orfeónica, dirige «ORFEÃO» as mais efusivas e respeitosas saudações académicas, formulando votos de que continuem a dedicar ao nosso Orfeão o carinho que este sempre lhes tem merecido.

★

— Entraram este ano cerca de 80 novos orfeonistas para o nosso Orfeão, garantia de que o organismo continuará através das gerações, sempre jovem e sempre actual, embora mantendo aquelas características que o tornam ímpar na nossa Universidade.

«ORFEÃO» dirige aos caloiros as suas melhores saudações e o desejo de que depressa se transformem nos *orfeonistas* que todos desejamos.

Orfeonista colabora no crescimento da Biblioteca do O. U. P.

Oferece um livro ao teu ORFEÃO

Caloiro!

JÁ folheaste, naturalmente, quase todas as páginas desta revista, e por certo, quando chegaste a esta pensaste, para contigo: — Isto diz-me respeito! Deixa lá ver o que será... Até terias tomado ar de pessoa importante e acrescentado: — ...Sim, porque a Revista até me faz referência...

E na verdade és uma pessoa importante, muito importante mesmo.

Entraste na tua Faculdade e tiveste a sensação, como se costuma dizer, do aldeão que visita pela primeira vez a cidade: caras novas, hábitos novos, vida nova, em suma um mundo totalmente diferente.

Conhecerias já o Orfeão, pela voz dum irmão mais velho, dum amigo, duma actuação que tivesses visto. Poderias talvez não conhecer; contudo, um cartaz que te chamou a atenção numa passagem pela porta da sede, num comentário dum colega, levou-te a fazer a tua inscrição. Além disso, o Orfeão tinha chegado havia pouco de Angola — no Orfeão sempre se dava uns passeios; arranja-se sempre algum tempo do disponível para os ensaios, e sabe-se lá... pode ser que valha a pena!

Dum modo ou de outro cá apareceste e hoje és um novo caloiro, de quem o Orfeão muito espera, um novo caloiro que, como tantos outros que por aqui passaram, dá os primeiros passos para um orfeonista a valer, para um orfeonista, no sentido com que os mais velhos interpretam essa palavra, simples na forma, mas de tão vasta e profunda compreensão. Começas agora a adivinhar por que és uma pessoa importante.

O Orfeão de que tu fazes parte, é obra de incansável trabalho e abnegado sacrifício, é testemunho duma continuidade levada a cabo por muitas gerações que o souberam amar e tornar grande.

És tu, que vais também aprender a amá-lo; és tu, que vais dar a tua quota-parte para o engrandecer ainda mais; és tu, que o vais dirigir e fazer perpetuar.

São os mais velhos que te vão procurar e encaminhar; para ti vão as suas esperanças e os seus cuidados.

Quando mais tarde deres por ti, e te sentires abraçado pelo Orfeão, compreenderás o que tens de ser para ele e por ele. Aperceber-te-ás então que és um orfeonista, dos tais... a valer...

Até lá terás de ouvir os mais velhos, respeitá-los e deixa-me que te diga, terás de saber suportar a autoridade que a antiguidade lhes conferiu; verás mais tarde que isso te é extremamente benéfico.

A escola de amizade e formação a que pertences, exige que tenhas um princípio duro, para que dela possas colher os melhores resultados.

Terás o teu baptismo. Por certo já ouviste falar dele: o baptismo que receias, mas de que te vais orgulhar e, depois de passado, recordar saudosamente; nesse momento nascerá um novo Doutor, conforme a praxe orfeónica.

Podia-te dizer muito sobre o Orfeão, mas palavras que se lêem não ficam, como há-de ficar o que a tua vida como orfeonista te vai proporcionar. Depois de a viveres, conhecê-la-ás, e o que é mais, senti-la-ás.

Benvindo sejas, caloiro!

ISMAEL CAVACO

O Orfeão Universitário em Espanha

Todos terão ainda na memória as inesquecíveis jornadas de convívio académico, vividas aquando da visita das irrequietas e alegres Tunas, da Tuna de Santiago de Compostela e ainda recentemente do categorizado Coro Misto da Universidade de Salamanca que se deslocaram ao Porto a convite do Orfeão Universitário.

Sempre tem dado o O. U. P. o melhor da sua colaboração e entusiasmo ao estreitamento dos laços de camaradagem entre os estudantes das Academias de Portugal e Espanha.

Não será pois surpresa afirmar que em cada orfeonista havia o desejo de visitar no seu «castiço» ambiente os colegas do País vizinho, tanto mais que, frequentemente, em prolongadas «sessões» de conversa «saudosa e educativa», os mais antigos recordaram com entusiasmo episódios da última digressão do Orfeão por terras galegas.

Mais uma vez o sonho se tornou realidade e, de 24 a 28 de Abril, o Orfeão percorreu a acolhedora e garrida Galiza, realizando saraus em Santiago de Compostela, La Coruña e Orense, colhendo em todas estas cidades a amizade e camaradagem dos colegas espanhóis e os aplausos quentes e vibrantes da hospitaleira população galega.

Mais 3 fitas no estandarte do Orfeão, testemunham aos vindouros, outras tantas noites de glória para o nosso Orfeão. Pedaços de capa e coração por lá deixamos, assinalando a nossa passagem. Em troca, trouxemos muitas saudades e o desejo firme de voltar um dia.

Mais do que as nossas palavras, naturalmente suspeitas, a crónica ao lado transcrita, publicada em «El Correo Gallego», de 25 de Abril de 1962, vos dará uma ideia do que foi mais esta jornada de intercâmbio académico Luso-Espanhol.

Lê, assina, colabora e divulga a Revista "ORFEÃO"

Horas de Compostela

Jornada estudiantil portuguesa

Lo sentimos verdaderamente por aquellos amantes de la música, de las danzas y de la alegria estudiantil que anoche no asistieron en el Teatro Principal a la representación ofrecida por el Orfeón Universitário de Oporto. Muy pocas veces tendremos los santiagueses la suerte, el privilegio, de encontrarmos frente a tal variedad y matices artísticos.

Claro, al ver desiertos muchos palcos y plateas y no pocas butacas, se nos ocurre pensar: Quién se iba a imaginar tanta maravilla!

No fué sólo el Orfeón el que ha triunfado en toda la línea, sino los demás conjuntos artístico-musicales que llenaron toda una larga segunda parte de este magnífico espectáculo, envuelto en la gracia y en la finura de los estudiantes de Oporto entre los cuales destacaba la belleza y la simpatía de sus compañeras las «portuguesiñas» que cantaron y danzaron con mucho sentido del arte.

El colorido y el tipismo de las danzas de la isla de Madeira pusieron una nota de extraordinaria belleza en un espectáculo todo él de primerísima calidad.

No podia faltar el humorismo lento, pausado pero agudo del estudiante lusitano. Y la parodia de «orquesta femenina» realizada por un grupo de muchachos que aparte de hacer reír tejían buena música con una serie de cacharros de inverosímil aplicación orquestal... Y qué armonía a pesar de lo «exótico»!

Los universitarios compostelanos desde las localidades altas del Principal «dialogaron» con el universitario de Oporto encargado de las presentaciones, como siempre es inevitable. Hubo apropósitos ocurrentes sín salirse del tono, ni siquiera cuando el portugués invitó a uno de la general.

— Puedes contar tú un chiste — dijo.

— Allá voy! Cuántos goles os marcará el Real Madrid? — sonó la voz desde aquella localidad.

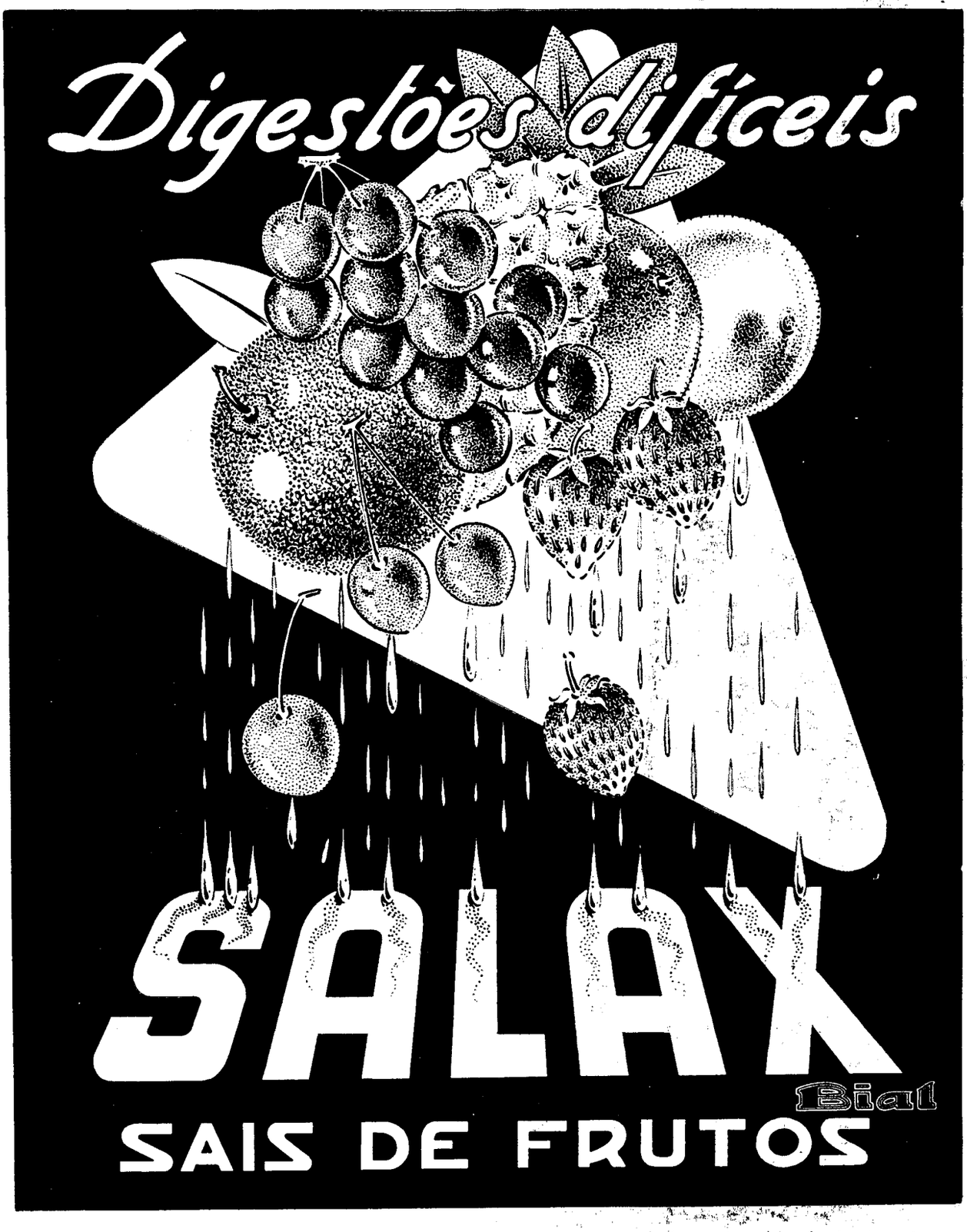
Pausadamente el estudiante respondió:

— Los mismos que en hockey sobre patines...

La doble ironia fué celebrada con grandes aplausos y risas, siempre dentro del cordialísimo ambiente en que transcurrió esta fiesta de magnífico arte.

Al registrar en esta croniquilla ese acontecimiento de ayer, lo hacemos con la satisfación de aprovechar la oportunidad para felicitar muy sinceramente al Orféon Universitário de Oporto, y a las rondallas, solistas, humoristas y al cuerpo de baile que ofreció una muestra de las bellísimas danzas portuguesas.

José REY F. ALVITE


Digestões difíceis
SALAX
Bial
SAIS DE FRUTOS